

Cadernos Espinosanos



ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII

n. 46 jan-jun 2022 ISSN 1413-6651

IMAGEM detalhe da escultura de Descartes presente
na fachada do Museu do Louvre, artista Gabriel Joseph Garraud.

A QUEDA:
UM ENSAIO SOBRE O *DISCURSO DA SERVIDÃO VOLUNTÁRIA*
A PARTIR DE M. CHAUI E J. SARAMAGO

Newton de Andrade Branda Junior¹
Doutorando em Filosofia, Universidade de São Paulo,
São Paulo, Brasil
branda@usp.br

RESUMO: O presente ensaio apresenta como ponto de partida o conto *Cadeira*, do escritor português José Saramago, para ilustrar a contínua atualidade do estudo *Amizade, recusa do servir* da professora e filósofa Marilena Chaui, publicado em 1982 pela editora Brasiliense como posfácio da obra *Discurso da servidão voluntária*, de Étienne de La Boétie. Nossa intenção é partir da alegoria saramaguiana da queda da ditadura salazarista em Portugal para mostrar como o pensamento de La Boétie, especialmente quando analisado por Chaui, trespassa incólume séculos inteiros chegando até a contemporaneidade europeia e brasileira e que possíveis caminhos alternativos a este sistema podem se apresentar.

PALAVRAS-CHAVE: Étienne de La Boétie, Marilena Chaui, José Saramago, servidão voluntária, autoritarismo, filosofia política.

1 Bacharel em Comunicação Social (PUC-SP), especialização em Educação (PUC-SP), mestre em Comunicação e Semiótica (PUC-SP) e doutorando em Filosofia (USP).

*Ainda não se recostou. O seu
peso, mais um grama menos
um grama, está igualmente
distribuído no assento da
cadeira. Se não se mexesse,
poderia ficar assim a seu alvo
até ao pôr do Sol, altura em que
o Anobium costuma recobrar
forças e roer com vigor novo.
Mas vai mexer-se, mexeu-se,
recostou-se no espaldar, pendeu
mesmo um quase nada para
o lado frágil da cadeira. E ela
parte-se.*

(J. SARAMAGO)

O conto “Cadeira”, do escritor português ganhador do Prêmio Nobel de Literatura em 1998 José Saramago (1922-2010), publicado originalmente em 1978, relata em minuciosos detalhes o tempo entre o momento em que um homem começa a se sentar em uma cadeira e sua subsequente queda devido à quebra de um dos pés do móvel em consequência da corrosão feita por carunchos (nominados pelo autor como *Anobium*, espécie originária da Europa e presente na região onde hoje se encontra Portugal²). A narrativa, que se dá como que em câmara

² *Anobium punctatum* (De Geer, 1774). In: Fauna europaea. Berlin: Museum für Naturkunde. Disponível em: <https://fauna-eu.org/cdm_dataportal/taxon/35b617e2-9e14-4989-9cf0-1b2a0addede2>. Acesso em: 24 jul 2021.

lenta dada a quantidade de informações, comparações e referências que acompanham a queda, remete, de forma alegórica, ao fim da ditadura de António de Oliveira Salazar³, que foi chefe de governo em Portugal de forma autoritária e com inspirações marcadamente fascistas entre 1932 e 1968, ou seja, por 36 anos. A sensação de um acontecimento visto em câmara lenta, gerada pela detalhada e, por vezes, prolixa descrição do movimento de queda da personagem (“um homem velho”), remete imediatamente ao longo período do governo salazarista e ao alívio por seu término.

Os motivos que levaram Salazar ao poder e, principalmente, que o mantiveram lá por tanto tempo são muitos e não cabe aqui neste ensaio entrarmos no campo político-histórico português especificamente. Mas podemos, sim, a partir de uma leitura do *Discurso da servidão voluntária*, escrito em cerca de 1548 pelo filósofo francês Étienne de la Boétie (1530-1563), e em chave crítica de interpretação do artigo de 1982 *Amizade, recusa do servir*, da filósofa e professora Marilena Chaui (nascida em 1941), sobre e a partir da citada obra francesa, desenvolver um entendimento não apenas das razões do prolongado jogo ditatorial em Portugal no século XX, mas também de vários movimentos tirânicos que se manifestam nos dias atuais.

3 “O conto remete a um fato ocorrido em 1968, quando o ditador António de Oliveira Salazar sofreu uma queda acidental de uma cadeira de lona, bateu a cabeça no chão e sofreu, dias depois, uma trombose cerebral. O episódio resultou no afastamento de Salazar do governo e em sua morte após dois anos, além de ter desencadeado um processo que culminou com a Revolução dos Cravos que, em 1974, derrubou a ditadura”. DE SOUZA JÚNIOR, L. (2019). *O tempo da queda* - uma análise do conto de José Saramago “Cadeira”. Revista Garrafa, v. 17 n. 50, p. 132-141. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/30947>>. Acesso em: 21 jul. 2021.

A obra de La Boétie traz em seu título a incômoda proposta de que haveria uma “servidão voluntária”, ou seja, de que seria possível alguém se deixar continuamente subjugar por outrem a partir de sua vontade pessoal. O próprio autor “reconhece a estranheza da expressão, pois antes de introduzi-la fala em ‘vício infeliz’, ‘infortúnio’ e ‘mau encontro’ que teriam parido essa monstruosidade, para a qual não encontra ‘um nome bastante feio’ e que ‘a natureza nega ter feito, e a língua se recusa a nomear’” (CHAUI, 2014, p. 12). O oxímoro pode, como é de sua natureza, parecer uma contradição em termos. Um paradoxo. Afinal, qual pessoa voluntariamente renunciaria à sua liberdade para atender aos desígnios de outra na condição de seu servo, suprimindo assim, por opção, seu livre desejo e o exercício de seus direitos ou bens? Por qual razão um indivíduo ou grupo escolheria sofrer qualquer tipo de domínio ou tirania? La Boétie quer afirmar que todos os povos, do passado e do presente, que padeceram e padecem nas mãos de tiranos, o fizeram e o fazem por escolha? Vamos por partes analisar estas questões que são centrais para Chaui, uma vez que a filósofa visa encontrar a “gênese da Servidão Voluntária”, a “gênese do desejo de servir”, algo que, segundo a autora, é central no *Discurso da servidão voluntária*, mas que nunca foi encarado pela vasta e histórica fortuna crítica sobre a obra.

Inicialmente, devemos entender brevemente o contexto em que a obra foi escrita. No século XVI, temos a conformação da ideia de um modelo de governo monárquico a partir do direito divino dos reis, no qual um indivíduo, escolhido por seu povo, por conquista em guerras ou por herança, assume o controle absoluto da população, bens e territórios. Ungido e coroado por Deus a partir da representação divina do reino dos céus na terra, administrada pelas Igrejas Cristãs na Europa Ocidental, o soberano se eleva entre os outros seres e se torna proprietário e senhor

de seus domínios e súditos. É o que La Boétie denomina *todos um*, um indivíduo que representa, julga e determina as ações de todos, em contraposição a *todos uns*, onde todos deveriam ser responsáveis por cada um dos seus. Em seu artigo *Amizade, recusa do servir*, Marilena Chaui apresenta este momento histórico:

A construção cristã da ideia de *Imperium* possui um traço único e inédito. Devendo conciliar a diferença entre o natural e o divino e a presença do divino na figura ungida e coroada do rei, o pensamento político cristão cria “os dois corpos do rei”, figuração inicialmente cristocêntrica, a seguir, teocêntrica e, por fim, juricêntrica. Para dar ao *Imperium* a marca decisiva de sua extranaturalidade, ou seja, perpetuidade, ubiquidade e invisibilidade, uma questão precisa ser resolvida: como dar ao corpo físico, natural, visível, finito e mortal do rei as marcas do *Imperium*? A resposta será a construção do corpo político do rei. (Ibid., p. 55)

Assim, tem-se reconhecido o corpo físico, humano e finito no rei ao mesmo tempo em que também se institui no soberano a figura de um corpo imaterial, divino e imortal. Para que este corpo divino aconteça, é desenvolvido um sistema religioso de crenças e, posteriormente, um sistema de leis que “juridicamente” o legitime. Da mesma forma, para que este corpo se manifeste na sua dimensão transcendente, é desenvolvido, à parte, um “corpo político”, uma estrutura hierárquica de pessoas para exercício do poder. E é aqui que se baseia uma das mais fortes argumentações de La Boétie para explicar a existência de um tirano. Para o filósofo quincentista, em oposição ao modelo teológico-político que se institui, um tirano nada mais é do que um ser humano como qualquer outro. Somos nós que damos a ele todas as extensões de que necessita para poder ampliar sua visão e o alcance de seus braços e pernas para territórios de qualquer amplitude sob seu domínio. Nas palavras de La Boétie:

Entretanto, aquele que vos oprime tem só dois olhos, duas mãos, um corpo, nem mais nem menos que o mais simples dos habitantes do número infinito de vossas cidades. O que ele tem a mais são os meios que lhe destes para destruir-vos. De onde tira tantos olhos que vos espiam, se não os colocais à disposição dele? Como tem tantas mãos para vos bater, se não as empresta de vós? Os pés com que pisoteia vossas cidades não são também os vossos? Tem algum poder sobre vós que não seja de vós mesmos? Como se atreveria a atacar-vos, se não tivesse vossa conivência? Que mal poderia fazer-vos, se não fôsseis os receptadores do ladrão que vos pilha, os cúmplices do assassino que vos mata e os traidores de vós mesmos? (LA BOÉTIE, 2017, p. 38)

É desta forma que o pensador francês mostra como, a partir de nós mesmos, o poder de um soberano se constitui. A *servidão* se apresenta como consequência da ação *voluntária* de nossos próprios olhos, braços e pernas para que alguém tenha poder suficiente para lançar sua vontade individual sobre qualquer extensão de território e número de pessoas. De forma original, ele descarta o papel da força armada institucional (guardas, sentinelas, infantarias etc.) como a causa desta cessão. Ele entende que as armas são em número e poder sempre inferiores à força total de uma população. E, desta forma, só serviriam para conter ações e insurgências de menor importância:

Chego agora a um ponto que é, a meu ver, a mola mestra e o segredo da dominação, o apoio e o fundamento da tirania. Quem pensa que as alabardas dos guardas e a vigilância das sentinelas garantem os tiranos se engana completamente, em meu ponto de vista. Creio que recorrem a eles mais por formalidade e como espantinho que pela confiança que lhes inspiram. Os arqueiros barram a entrada dos palácios aos malvestidos que não têm meios para incomodar, não aos que podem abrir caminho por meio das armas. É fácil contar, entre os imperadores romanos, que aqueles que escaparam ao perigo graças ao auxílio de seus arqueiros foram em número bem menor que os que pereceram pelas mãos de seus próprios guardas. Não são os esquadrões de cavalaria, nem os batalhões de infantaria

ria, nem as armas que defendem um tirano. À primeira vista, será difícil acreditar, embora seja a pura verdade: são sempre quatro ou cinco que mantêm o tirano, quatro ou cinco que conservam o país inteiro em servidão. (LA BOÉTIE, 2017, p. 63)

Assim, como relata Marilena Chaui, a obra faz uma inversão sem precedentes ao destituir a guarda real de seu posto, fazendo dela “máscara e ilusão”, transferindo a proteção do tirano aos “seis mais próximos, aos seiscentos e ao número infinito” dos que vêm a seguir em uma sucessão de figuras que, a princípio, orbitam os desejos dos tiranos, atendendo-os e transferindo-os, somados aos seus próprios, para um segundo círculo social imediatamente inferior ao seu, ampliando-se sucessivamente e exponencialmente, até chegar aos mais desprovidos (e oprimidos) dos indivíduos. “É a sociedade o grande protetor da tirania” (CHAUÍ, 2014, p. 63). Então, uma vez que somos nós mesmos a alimentar o poder de um tirano, como se explica este comportamento que acaba, de uma forma ou de outra, por ser danoso a cada um de nós? Na leitura de Chaui, a resposta apresentada por La Boétie é que:

[...] os homens não acreditam estar alienando suas vidas, vontades, pensamentos e bens a um outro (é essa a aparência necessária para a produção das teorias do contrato e do pacto social e político), mas acreditam que, ao fazê-lo, estão conferindo poder a si próprios. Cada um, do mais alto ao mais baixo, do maior ao mais ínfimo, deseja ser obedecido pelos demais e, portanto, ser tirano também. Dá-se tudo ao soberano na esperança de converter-se em soberano também: vontade de servir é o nome da vontade de dominar. A oposição “um” e “muitos” se desfaz porque cada um, no lugar onde se encontra, exerce a seu modo uma parcela de tirania e, num processo fantástico, a vontade de servir engendra uma sociedade tirânica de ponta a ponta. Eis por que, escreve La Boétie, é ilusão supor que são as armas e alabardas, as fortalezas e os exércitos os protetores do tirano. Sua proteção é a sociedade inteira que o deseja porque deseja tiranizar também. (Ibid., p. 14)

Desta forma, a origem da *servidão voluntária* estaria em uma vontade de liberdade distorcida em cada um de nós. É como se entendêssemos que ser livre não é apenas poder fazer nossas escolhas assim como todos os membros de um grupo as fazem, mas *impor* a nossa vontade sobre os outros. Como se em cada um de nós habitasse um “tiranete”, ou seja, um espelho do tirano mor que a todos oprime. Servimos porque queremos ser servidos, em um efeito “cascata” onde obedecemos a um senhor e, conseqüentemente, nos colocamos na posição de mando para que outros nos obedçam (situação que, para nós, em muito lembra o que chamamos na quase extremidade da estrutura social brasileira – porque haveria ainda uma camada mais baixa para obedecer - de “pequenas autoridades”). O tirano é espelho da sociedade tirânica.

Para La Boétie, o surgimento desta distorção se daria no momento em que deixamos de reconhecer em outro alguém sua posição “em amizade”, ou seja, quando, de alguma forma, colocamos outra pessoa acima ou abaixo de nós em uma estrutura relacional, gerando assim grandes ou pequenas formas de dominação. Ao quebrar a horizontalidade entre as relações humanas, estaria criado o campo para a *servidão voluntária* aparecer e a liberdade (“desejo de ser livre”) desaparecer: “É incrível ver como o povo, quando é submetido, cai de repente num esquecimento tão profundo de sua liberdade, que não consegue despertar para reconquistá-la. Serve tão bem e de tão bom grado que se diria, ao vê-lo, que não só perdeu a liberdade, mas ganhou a servidão” (LA BOÉTIE, 2017, p. 44).

Fadada ao esquecimento, a igualdade política entre as pessoas seria obliterada, em primeiro lugar, como dissemos acima, pela verticalização das relações humanas que, em seguida, por desconexão com o outro, predisporia o povo às contínuas ações de entorpecimento geradas pelas diferentes camadas do sistema tirânico: “O teatro, os jogos, as farsas, os

espetáculos, os gladiadores, os animais ferozes, as medalhas, os quadros e outras drogas semelhantes eram para os povos antigos a isca da servidão, o preço de sua liberdade, os instrumentos da tirania” (Ibid., p. 56). Contemporaneamente e sem precisar ir tão longe na história, podemos dizer que ainda hoje alguns dos recursos para promover o distanciamento do entendimento entre as pessoas de que elas são diferentes, mas não desiguais, de que podem ser um só corpo em irmandade, são muito parecidos. Poderíamos até mesmo dizer que estariam reforçados pela forma como os meios de comunicação de massa estão ubiquamente presentes na vida de cada indivíduo, em especial a partir da segunda metade do século XX com a disseminação de aparelhos eletrônicos, como rádio, televisão, computadores e, mais tarde, telefones celulares por meio dos quais, como analisou Chauí⁴, a intimidade das pessoas passou a ser o objeto central do espetáculo, afastando-as, assim, da esfera da opinião pública, onde assuntos de interesse coletivo e geral podem ser discutidos e as opiniões podem ser elaboradas de forma independente dos mecanismos midiáticos individualizantes.

Todos estes meios narcotizantes quanto ao reconhecimento da igualdade de si no outro colaboram para que nos deixemos viver pelo hábito, pela repetição alienada, pela satisfação de desejos que não são nossos e se colocam como forma de manutenção de uma tirania, desconectados da memória de que já estivemos *todos uns*, ou seja, alertas ao fato de que não precisávamos de tiranos (*todos um*), de que basta estarmos atentos uns aos outros de forma horizontal e ao nosso desejo autêntico de sermos livres (e não de satisfação de reconhecimento ou das vontades de

4 CHAUI, M. (2006). *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.

um governante). Marilena Chaui, em uma de suas leituras de La Boétie, ressalta a importância de estarmos conscientes deste fato: “No tempo sem garantia onde se efetua liberdade e desejo de servir, a história se faz e, desde que não confundamos memória e hábito, o recurso ao passado é maneira de narrar o presente” (CHAUI, 2014, p. 36).

A história aqui se faz como elemento fundamental para esta retomada da memória em detrimento do hábito, tanto para os indivíduos em seu processo de resgate da amizade quanto para os políticos tiranos se manterem no poder. Para Marilena Chaui, o conhecimento passado das experiências políticas, éticas e da história de outros governantes e povos pode ser apresentado como um espelho - para servir como imitação, como exemplo de comportamentos recomendáveis ou não. Porém, importa ressaltar que, para a filósofa, esta lógica da semelhança (ou da imitação) oferece grande potencial para o engendramento da própria tirania, pois acaba por refletir ideais de virtudes externos às constituições presentes das sociedades. Neste sentido, Marilena Chaui esclarece:

Nascido da poesia épica e da retórica, e frequentemente do concurso de ambas, o *espelho dos príncipes*, destinado a oferecer o modelo do homem virtuoso no qual o governante deveria mirar-se para realizar o bom governo, inúmeras vezes reescrito durante a Idade Média, ressurgiu com vigor durante a Renascença. Aqui, porém, uma divisão começa a se cavar. Com o desenvolvimento do humanismo cívico, a defesa do governo republicano translada a virtude do governante para as instituições e substitui o *speculum principum* pelo espelho da história. O passado, nacional ou clássico, torna-se o modelo no qual o presente político deve mirar-se para o estabelecimento da boa república. (CHAUI, 2014, p. 36-37)

Percebe-se que o resgate da memória para romper com hábitos pode servir igualmente para reforçar os processos de *servidão voluntária*

por meio do desenvolvimento no governante de atitudes que o tornem mais duradouro em seu domínio, como também como possibilidade de os seres humanos servis saírem de seu torpor, gerado pela desconexão com o autêntico desejo de cada um em se reconhecer como pares e não como potenciais tiranos. A identificação da repetição dos processos de dominação como contextos que se reiteram na história poderia servir como alavanca para o rompimento do padrão, uma vez que “O costume é contrafação da natureza; o adestramento, contrafação da educação; o hábito, contrafação da memória, sendo suas marcas repetição e a assimilação” (Ibid., p. 47). Porém, para La Boétie, essa possibilidade de mudança teria ficado muito tempo para trás na história: “Os médicos aconselham a não pôr a mão em feridas incuráveis, e eu talvez não seja ponderado em querer exortar um povo que parece ter perdido há muito tempo o conhecimento de seu mal, o que mostra de sobra que sua doença é mortal” (LA BOÉTIE, 2017, p. 39). Assim, nos restaria apenas procurar compreender como essa vontade obstinada de servir criou raízes tão profundas a ponto de julgarmos que o próprio amor à liberdade não é tão natural.

Como dissemos, e é importante aqui ressaltar, para La Boétie, a única ação que poderia acabar com a tirania de uma vez por todas seria deixarmos de servir voluntariamente, uma vez que “Não é preciso combater nem derrubar esse tirano. Ele se destrói sozinho, se o país não consentir com sua servidão. Nem é preciso tirar-lhe algo, mas só não lhe dar nada. O país não precisa esforçar-se para fazer algo em seu próprio benefício, basta que não faça nada contra si mesmo” (LA BOÉTIE, 2017, p. 36). Para ele, são os próprios povos que “se deixam, ou melhor, que se fazem maltratar”, pois que poderíamos ser livres se apenas parássemos de servir. “É o próprio povo que se escraviza e se suicida quando, podendo escolher entre ser submisso ou ser livre, renuncia à liberdade e aceita o

jugo; quando consente com seu sofrimento, ou melhor, o procura” (Ibid., p. 36). Desta forma, para o filósofo, o simples ato de parar de atender às demandas de um tirano seria suficiente para extinguirmos a tirania.

É claro que, para nós, este tipo de afirmação pode parecer ingênua, porque demasiada simples, ou mesmo cruel, já que acusa e responsabiliza os próprios tiranizados pelo seu infortúnio. Porém, devemos lembrar que, para o autor, o início da *servidão voluntária* se dá por um “mau encontro”, por um acaso, quando fizemos a equivocada escolha de elevar alguém acima das relações de igualdade e amizade para que fosse representante ou assumisse formas de governar que nos trouxessem mais segurança contra invasores ou outras ameaças à nossa vida cotidiana, seja como pessoa ou como povo. É esta ruptura com os processos de liberdade, que apenas a convivência igualitária poderia nos dar, que La Boétie critica. Para ele, a liberdade é algo tão natural e espontâneo, tanto em nós seres humanos, quanto nos animais, que, por sua facilidade de conquista (“basta um simples desejo”), é deixada de lado em detrimento de falsas noções que, em maior complexidade, incluiriam a posse de bens materiais ou serviços de outrem.

Portanto, não deveríamos ter dúvida de que, por natureza, “somos todos companheiros, ou melhor, todos irmãos” (Ibid., p. 40). Para demonstrar como nascemos com estes desejos de liberdade, assim como “Deus nos criou da mesma forma e fôrma” (Ibid., p. 40), ele se pergunta como podemos duvidar de que sejamos todos naturalmente livres: “A liberdade é, portanto, natural. Por isso, a meu ver, não só nascemos com ela, mas também com a paixão para defendê-la” (Ibid., p. 41). Para reforçar seu ponto, o pensador quinhentista traz o exemplo dos animais que, ao serem capturados, lutam com todas as suas forças contra o jugo e, se

mesmo assim não conseguem se libertar ou se não morrem no processo de tentativa de fuga, vivem totalmente debilitados.

A partir das imagens da liberdade como elemento natural, tanto nos seres humanos quanto entre os animais, e do recurso ao passado como maneira de se narrar o presente, trazemos de volta a figura dos carunchos que devoram o pé de uma cadeira no conto de Saramago, os coleópteros *Anobium*. Em um exercício de extrapolação dos pensamentos de La Boétie e Chauí para a alegoria de José Saramago em referência ao tirano português António Salazar, podemos associar os elementos desenvolvidos pelos filósofos aos fatos ocorridos em Portugal no século XX (e mesmo, se assim o quisermos, a outros acontecimentos na política global dos séculos XX e XXI, incluindo ações correntes no Brasil). A figura é muito ilustrativa. Temos um “homem velho”, um tirano, que se encontra prestes a sentar em uma cadeira de madeira. Esta cadeira pode ser entendida simbolicamente como o trono do governante, espaço no qual foi colocado *acima* de seu povo (no caso, a partir de um golpe militar, pois não se trata aqui de herança ou eleição de governante), instituindo o que foi chamado de Estado Novo, “uma ditadura antiliberal, anticomunista, e antidemocrática que se orienta segundo os princípios conservadores autoritários: ‘Deus, Pátria e Família’”, trilogia que Salazar apresentava como base de sua política⁵. Alçado em sua cadeira/trono, estrutura mobiliária socialmente construída, o tirano está em posição destacada dos demais, ou seja, perderam-se aqui os traços de igualdade, de companheirismo e irmandade identificados por La Boétie. Ele se põe (ou é posto) “para além dos limites da amizade” (CHAUI, 2014, p. 70). Também verificam-se os círculos subsequentes de pequenos tiranos

5 TENGARRINHA, J (org.) (2000). *História de Portugal*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC).

que se compõem à volta do governante formando um cone de tiranetes, tendo Salazar no vértice. A estrutura, baseada na corrupção do desejo de liberdade dos indivíduos, se mantém relativamente estável por mais de 35 anos. Até que algo faz com que ela comece a ruir.

Quase que imperceptivelmente, uma força coletiva - representada simbolicamente pelos *Anobium* - entra em movimento ao cavar pequenos, silenciosos e invisíveis túneis por sob a estrutura de madeira que sustenta o tirano. Estes pequenos insetos são animais que costumam viver independentemente uns dos outros, mas que se encontram agrupados à volta de suas presas (troncos e pedaços de madeira secos) quando precisam se alimentar⁶. São como ideias que orbitam um mesmo objetivo e, ao encontrar terreno fértil, se catalisam e precipitam para uma ação comum de forma integrada, mesmo que, expressas em cada indivíduo, desconheçam o mapa do todo que executam (o rompimento da sustentação de uma cadeira, por exemplo). Assim, os coleópteros de Saramago podem ser entendidos como a representação dos movimentos do pensamento que, a partir de seres humanos irmanados em amizade, conseguem romper uma estrutura construída para elevar alguém acima dos outros ao destruir uma das mais fortes simbologias dos governantes: a cadeira ou trono.

Desta forma, a elaborada narrativa em câmera lenta da queda de um tirano, relatada por José Saramago, nos faz identificar conceitos expressos no século XVI que, a partir da leitura de uma filósofa contemporânea brasileira, Marilena Chaui, se apresentam plenamente vigentes na realidade em que vivemos, seja na Europa do século passado,

6 *Anobium punctatum* (De Geer, 1774). In: Fauna europaea. Berlin: Museum für Naturkunde. Disponível em: <https://fauna-eu.org/cdm_dataportal/taxon/35b617e2-9e14-4989-9cf0-1b2a0addede2>. Acesso em: 24 jul 2021.

seja na atualidade da América do Sul. Assim, a história se faz e, para reconhecer sua força, podemos recorrer à memória deixada pela nossa espécie para identificarmos as possíveis razões da recorrência uma mesma circunstância. A dinâmica proposta por La Boétie há quase cinco séculos pode ser percebida em vários momentos das relações sociais humanas no Ocidente. Tanto no passado, quanto no presente. Para quebrarmos este círculo vicioso, este hábito, podemos aprender com La Boétie a dimensão política que a amizade abriga e, assim, nos recusarmos a servir. “*Isótes philótes*”, a liberdade não nos custa nada, basta desejá-la para tê-la porque fomos feitos companheiros. Por isso, nem coragem e força do tirano, nem covardia e falta de fibra dos tiranizados engendram a servidão voluntária, mas apenas o esquecimento da liberdade pelo abandono da amizade” (CHAUI, 2014, p. 74).

Para finalizar, resgatamos a ideia de que a volta às relações de irmandade e companheirismo deixadas de lado ao se escolher alguém para se destacar em um grupo ao, hipoteticamente, continuarmos a sequência da queda do “homem velho” pelo rompimento de sua cadeira (estrutura socialmente construída para simbolicamente lhe conferir destaque dos demais) e imaginarmos que, depois de levarem o ditador para algum tratamento médico, restam no chão os pedaços do móvel. Estes já não têm mais o nome de “cadeira”, pois agora são elementos que outrora constituíram um assento. Ao se libertarem das junções, pregos e vernizes aplicados pelo trabalho humano, os fragmentos que se encontram atirados

7 “*Isótes philótes*, o tratado de paz entre homens e grupos que sanciona a prestação de contas recíprocas. Significa estar quites. É *isótes philótes* quem não deve coisa alguma a ninguém, nada tirou de ninguém e não deu ou recebeu mais do que o devido. É esse sentido da amizade que tacitamente orienta a quebra da servidão voluntária [...]” CHAUI, 2014, p. 74.

ao solo podem novamente voltar a ser chamados pelo seu nome original. Assim, o que se constituiu como origem para a estrutura de uma cadeira volta a ser novamente “madeira”, termo que tem origem no mesmo vocábulo latino que designa “matéria” e em cuja raiz se encontra, também escondida, a palavra “mãe”: *materiã*⁸.

8 Matéria. *In*: Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Etim.: lat. *materiã,ae* no sentido de ‘aquilo de que algo é feito, pau, rebento de uma árvore, tronco de árvore, madeira’, der. de *mater, tris* no sentido de ‘mãe’; divg. erud. de *madeira*; ver *matr-*; f.hist. sXIV *materia*, sXV *matereas*, sXIV *materya*.

THE FALL:
AN ESSAY ON THE *DISCOURSE OF VOLUNTARY SERVITUDE*
BASED ON THE WORKS OF M. CHAUI AND J. SARAMAGO

ABSTRACT: This essay presents as a starting point the short story *Chair*, by the Portuguese writer José Saramago, to illustrate the continuous relevance of the study *Amizade, recusa do servir (Friendship, refusal to serve)* by the professor and philosopher Marilena Chaui, published in 1982 by the Brasiliense publishing house as a postface to the treatise *Discourse on voluntary servitude*, by Étienne de La Boétie. Our intention is to start from the Saramago's allegory of the fall of the Salazar dictatorship in Portugal to show how La Boétie's thought, especially when analyzed by Chaui, pierces whole centuries unscathed, reaching European and Brazilian contemporaneity and that possible alternative paths to this system can be found.

KEYWORDS: Étienne de La Boétie, Marilena Chaui, José Saramago, voluntary servitude, authoritarianism, political philosophy.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAUI, M. (2006). *Simulacro e poder: uma análise da mídia*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo.
- CHAUI, M. (2014). *Contra a servidão voluntária*. Org. Homero Santiago. 2 ed., Belo Horizonte: Autêntica Editora.
- DE SOUZA JÚNIOR, L. (2019). *O tempo da queda - uma análise do conto de José Saramago "Cadeira"*. Revista Garrafa, v. 17 n. 50, p. 132-141.

Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/garrafa/article/view/30947>>.

LA BOÉTIE, E. (2017). *Discurso da servidão voluntária*. 4 reimpressão, São Paulo: Martin Claret.

SARAMAGO, J. (1998). *Objecto quase*. São Paulo: Companhia das Letras.

TENGARRINHA, J (org.) (2000). *História de Portugal*. Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração (EDUSC).